

MOVIMENTO DOS SEM TERRA: UMA ANÁLISE À LUZ DO CIBERATIVISMO

JOÃO VICTOR FIGUEIREDO FAGUNDES¹
FÁBIO SOUZA DA CRUZ³

¹*Universidade Federal de Pelotas – joao.victor.fagundes2@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – fabio.souza.dacruz@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O Movimento Sem Terra (MST) é um movimento social que tem como fundamento representar a voz e dar vez para as pessoas que foram excluídas do processo democrático e dos espaços sociais, tendo em vista que há barreiras sócio-históricas e econômicas que implicam a inacessibilidade desses ambientes, é de massa e autônomo, buscando fomentar e alicerçar a organização dos trabalhadores rurais e da sociedade para que um projeto de reforma agrária seja possível no país. O MST está presente entre 24 estados em todas as regiões do Brasil. Podemos dizer que há mais de 450 mil famílias que hoje possuem terra para trabalhar, as quais foram conquistadas a partir da luta popular dos trabalhadores rurais, segundo o próprio site do MST.

Uma das frentes em que o MST atua é nas redes sociais, promovendo seus eventos, sua produção e trazendo informações para a população. Essa forma de mobilizar a sociedade é crucial, considerando que estamos vivendo a era digital, a qual tem a internet como principal meio de comunicação e conexão entre as pessoas e nações. O ciberativismo- ou ativismo online, tange o uso das ferramentas digitais para desenvolver atos e protestos, visando interferir na realidade política. O ciberativismo aflorou como um instrumento poderoso para mudar socialmente e politicamente uma sociedade. Essa forma de intervir usa da tecnologia para dar potência às vozes dos oprimidos e organizar comunidades para contrapor o *status quo* estabelecido.

Tendo em vista que a tecnologia tende a continuar evoluindo e cada vez mais, há segurança para praticar o ciberativismo, o mesmo se mostra eficaz para o que se propõe. Dentre as ferramentas usadas no ciberativismo, podemos destacar as campanhas de mídia social feitas a partir de redes sociais como Twitter, Instagram, Facebook e Youtube. Os movimentos sociais utilizam essas plataformas visando conscientizar e tornar acessível certas informações que a grande mídia escolhe não divulgar.

O MST já propõe diversas campanhas nas redes sociais. A mais recente tem como objetivo a restauração dos assentamentos que foram atingidos pelas enchentes no Rio Grande do Sul, tendo destruído as estruturas de produção do movimento. Porém, a luta histórica deste movimento que vem se adaptando nem sempre usou desses recursos e a mudança de formato é condição *sine qua non* para que se mantenha, principalmente entre os jovens.

Este trabalho tem como objetivo esclarecer como se dá o ciberativismo no Movimento Sem Terra: “O ciberativismo corresponde a práticas comunicacionais que, utilizando plataformas, redes e suportes digitais, sobretudo na internet, visam entrosar e dar maior visibilidade a lutas no interior da sociedade.” (EISENBERG, 2015, p. 131) e como essas ações dão possibilidade para que a luta política ganhe peso e alcance a maioria.

2. METODOLOGIA

Durante o trabalho, em um primeiro momento, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre obras de autores importantes no meio do ciberativismo nacional e internacional. Também, autores que trabalham assuntos ligados ao Movimento dos Sem Terra foram abrangidos nesta revisão que teve como principal objetivo identificar, organizar e resumir o conhecimento já produzido, destacando lacunas, tendências e questões ainda não resolvidas.

Além disso, em um segundo momento, foi realizado um estudo de caso sobre as redes sociais do Movimento, e como elas contribuem na proliferação de campanhas e mensagens lançadas pelo mesmo. Essa abordagem metodológica que envolveu o estudo detalhado e aprofundado do caso em questão teve como objetivo principal explorar e entender fenômenos complexos dentro de seu contexto real através da análise das redes sociais do Movimento, como por exemplo, Facebook, X (antigo Twitter), YouTube e Instagram.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após o surgimento na internet e o advento da comunicação à distância, os ativistas enxergaram uma oportunidade de propagar informações por todo o mundo, desta forma, começou a se observar a militância digital ou ciberativismo.

O Movimento Sem Terra compreendeu desde os seus primórdios a importância de transmitir de forma eficiente as suas pautas. As plataformas de redes sociais se consolidaram como espaços essenciais para movimentos sociais, facilitando a organização e a circulação de informações de forma instantânea. (SILVA, 2019). A capacidade de inserir questionamentos na opinião pública é crucial para que o movimento social tome forma e esteja inserido nos mais diversos debates. A militância que se dá na internet possibilita que haja o debate sobre a posse da terra, aproximando os trabalhadores e interessados na pauta. Nesse meio, o Movimento consegue dispor de ferramentas para popularizar suas ideias sem a censura da mídia, tendo a liberdade necessária para articular suas ações e divulgar seus feitos.

No Youtube, outro meio para haja essas interações, observamos que o MST produz vídeos tratando das causas em que milita. Os últimos vídeos públicos demonstram que além da reforma agrária popular, pauta principal defendida pelo MST, o Movimento está envolvido com as questões LGBTQIA+, sobre educação, internacionais como a eleição na Venezuela e políticas/jurídicas como a Lei de Anistia. Os vídeos trazem um conteúdo de fácil acesso e dinâmico que visa atingir os trabalhadores, trazendo uma visão contra hegemônica, uma vez que a mídia convencional trabalha com certos temas aspirando a audiência, polemizando, propagando o ódio e distorcendo informações.

O MST tem incorporado diversas formas de fazer Ciberativismo, sendo elas o Jornal Sem Terra que é voltado para as ações internas dentro dos assentamentos; a Revista Sem Terra, a qual serve como meio de propagação de análises sobre a questão agrária; o jornal “Brasil de Fato” de alcance nacional e que se propõe a resumir os acontecidos a partir da ótica do movimento de esquerda; o programa de rádio “Vozes da Terra” que também é de abrangência nacional, e por fim, o site do MST que concentra o acesso a todas as formas de mídia que o movimento dispõe.

A partir disso, podemos observar que o MST sempre se preocupou com a comunicação, e de forma especial, com a internet. É possível afirmar que a comunicação é percebida pela organização como uma forma de reivindicar seu propósito. Há um coletivo que trata de desenvolver essa área e organizar as ações que visem divulgar a ideologia do movimento.

4. CONCLUSÕES

Podemos afirmar que o ciberativismo nos tempos atuais é um passo para a concretização dos direitos humanos e da liberdade de expressão, uma vez que o meio digital proporciona uma esfera pública onde acontece a interação entre os indivíduos, a apresentação das demandas e o debate. Sendo assim, é o lócus onde se apresentam as reivindicações e se desenvolvem as estratégias para colocar em prática o que é legitimado.

O Movimento Sem Terra entendeu bem essa questão e investiu desde o princípio seus recursos materiais e humanos para ocupar esses espaços, fomentando discussões acerca da reforma agrária popular e outras pautas que andam junto ao movimento. O MST emprega o ciberativismo não só para mobilizar pessoas, mas também para criar uma narrativa e fortalecer sua identidade coletiva. (MORAES, 2023). Nesses anos de redes sociais, o Movimento teve sucesso em muitos projetos como o Brasil de Fato, que tem como princípio a construção de uma visão popular do Brasil e do mundo. Há uma série de campanhas e ações de curto, médio e longo prazo todas com o objetivo comum de colaborar no desenvolvimento de uma democracia que busque o melhor funcionamento da sociedade, fundada no respeito e no bem-estar social, considerando a melhor distribuição dos meios de produção.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EISENBERG, J. **Ciberativismo**. São Paulo: Fundap / Impressa official, 2015.

SILVA, J. P. **O ciberativismo: a política nas redes sociais**. Revista Brasileira de Comunicação, 12(3), 45-62 2019.

MORAES, L. **Ciberativismo no Brasil: o papel do MST**. Revista Brasileira de Estudos Sociais, 15(1), 88-102, 2023.